

O Progresso Catholico

... sequor autem, al quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.



ABRE AO MELHOR DOS AMIGOS!

SUMARIO:—Secção Religiosa: *O episcopado brasileiro; O Socialismo Antigo—A republica de Platão, por ***.*—Secção Científica: *Liberalismo, Carta pastoral do Ex.º Bispo de Carthagená; Jurisprudencia canonica, por F. A.*—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 52.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.*—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada.—Secção Necrologica.—Retrospecto, por F.

Gravuras: *Abre ao melhor dos amigos!*

Aos nossos presados assignantes

Não nos cançamos, porque n'isso vae o progresso e augmento do nosso quinzenario, de pedir com instancia aos presados assignantes que estão em debito o pagamento de suas assignaturas. Ha-os que devem dois e tres annos! Bem sabemos que todos os retardatarios tem tenção de pagar; mas o que talvez esses assignantes remissos não saibam é que a demora no pagamento causa sérias difficuldades á empresa do Progresso Catholico, que, tendo despesas certas e avultadas, não pôde fazer face a ellas com o dinheiro em mãos dos seus assignantes.

Por estas razões, que são, a nosso vêr, dignas de serem ponderadas e attendidas, esperamos merecer aos seus assignantes em divida a deferição ao nosso pedido, allas justissimo.

SECÇÃO RELIGIOSA

O episcopado brasileiro

Após os acontecimentos politicos que ha pouco se deram no Brazil, acontecimentos que fizeram baquear o throno do snr. D. Pedro II e deram as redeas do poder aos partidarios da republica, foi decretada n'aquella nação, até agora officialmente catholica, a separação da Igreja e do Estado. Este acto, que alvorçou o mundo catholico, não podia deixar de provocar, como provocou, uma eloquente manifestação de patriotismo e de fé do venerando episcopado brasileiro. Essa manifestação é a pastoral collectiva dos Bispos brasileiros ao clero e fieis de suas dioceses, documento honrosissimo para aquelle Episcopado e para a Igreja.

Esperavam, talvez, os Deodoro e os Bocayuva dos Estados Unidos do Brazil que, separando a Igreja do Estado, aquella se esboroaria. Não contavam, como não contam todos os perseguidores da Igreja, com as promessas do seu divino fundador, que não podem falhar.

A Igreja pôde viver vida atribulada; o que, porém, não pôde é succumbir,

porque, como o divino Mestre prometeu, as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

Apenas a neo-republica Brasileira se desligou da Igreja catholica, notou-se um movimento desusado no campo catholico brasileiro. Até então Bispos e fieis, pastores e ovelhas, pareciam inactivos; depois do decreto de separação o Episcopado uniu-se, os fieis agruparam-se em volta de seus Pastores, e no Brazil está se actualmente organisando o partido catholico, que, pelo desenvolvimento que tem tomado em poucos mezes e pelo entusiasmo que reina entre os catholicos, promete vir a ter um futuro brilhante, e assumir uma attitude que o torne digno emulo do Centro catholico allemão e do gabinete catholico helga, que ora preside aos destinos da Belgica com aprazimento do povo d'aquella nação e honra e lustre da Igreja catholica.

A Igreja brasileira ha de lutar, nos primeiros tempos, com grandes difficuldades e embarços; mas confiamos que n'um praso não muito longo a sua vida e desenvolvimento seja tal que os catholicos se tenham de louvar, em vez de se lamentarem, pela medida da separação, decretada pelo actual governo d'aquelle paiz.

Infelizmente, em quasi toda a parte onde a religião catholica é a religião do Estado, vive a Igreja escravizada, vergando ao peso de decretos regalistas. Onde, porém, esta divina religião tem vida livre de peias governamentais, desenvolve-se prodigiosamente. Como, para exemplo, se pôde vêr nos Estados Unidos.

Os paizes que, tendo a felicidade de ser catholicos, apostolicos, romanos, se separam officialmente d'esta religião, julgando que assim a deprimem e esmagam, enganam-se redondamente. Quem mais soffre com a separação não é a Igreja, é o Estado.

Isto, e outras muitas desvantagens para o Estado d'esta separação, o demonsttram evidentemente os Prelados brasileiros na sua pastoral collectiva, que hoje começamos a publicar, e para a qual chamamos a attenção de nossos leitores, porque este documento é, realmente, digno de lêr-se e meditar-se, não só pela solida e orthodoxa doutrina que encerra, mas pela energia, coragem e desassombro com que aquelles eximios Prelados se apresentam a defender o Catholicismo publicamente, em face d'aquelles mesmos que o ata-

cam e que agora são os governantes d'aquelles vastos territorios.

Eis a

PASTORAL COLLECTIVA

do Episcopado brasileiro ao clero e aos fieis da Igreja do Brazil

O Arcebispo Metropolitano primaz e mais Bispos brasileiros ao Clero e fieis da Igreja do Brazil. Saude, paz, benção e salvação em Nosso Senhor Jesus Christo.

Melindrosa, cheia de perigos, de immensas consequencias para o futuro, dignos cooperadores e filhos muito amados, é a crise, que, n'este revolto periodo de sua historia, vae atravessando nossa patria. Crise para a vida ou para a morte. Para a vida, se todo o nosso progresso social for baseado na religião; para a morte, se o não for.

Acabamos de assistir a um espectaculo que assombrou o universo; a um d'esses acontecimentos pelos quaes dá o Altissimo, quando lhe apraz, lições tremendas aos povos e aos reis: um throno afundado de repente no abysmo que principios dissolventes, medrados à sua sombra, em poucos annos lhe cavaram!

Desappareceu o throno...

E o altar? O altar está em pé, amparado pela fé do povo e pelo poder de Deus. O altar está em pé, todo embalsamado com o odor do Sacrificio, sustentando a Cruz, sustentando o Tabernaculo, onde está o Thesouro dos Thesouros, o que ha mais puro no Christianismo, centro radioso d'onde brotam incessantemente as enchentes da vida, da misericordia, da salvação; os confortos, as luzes, as graças que santificam as almas, as influencias divinas e mysteriosas que fundam a familia, que dão esposos, pais, filhos, —ornamentos, força e gloria da propria sociedade civil.

O altar está em pé. E a honra d'esta nossa nação é tel-o sempre mantido assim. E é de junto d'esse altar, abraçados com elle, protegendo-o com os nossos peitos contra os ausos temerarios de quem quer que o queira profanar ou derruir; é de junto d'esse altar sobre o qual se encontram e se confundem a prece humilde do homem e a bondade infinita de Deus, e em torno do qual a justiça e a paz se osculam fraternalmente; é de junto d'esse

altar, penhor de união, de benção e de prosperidade para todos os povos cultos e pelo qual, assim como pelo lar, combatiam com gentilezas de valor os nossos maiores *pro aris et focis*; é d'aqui, do altar sagrado da Religião, que vamos dizer a esta nossa querida nação a verdade que a pôde e a ha de salvar.

A causa que defendemos, dignos cooperadores e filhos muito amados, não é precisamente a da nossa fé catholica como tal, é a causa da religião, é a causa de Deus. Queremos que a sociedade brasileira toda inteira, comprehendida sua parte dirigente, respeite a religião, ame a religião, não se separe da religião, antes em seus actos publicos ou privados, se inspire nos dictames sagrados que ella impõe á consciencia. Queremos os individuos, as familias, a sociedade, observando fielmente o decalogo, observancia que, segundo o grande economista Le Play e sua sábia eschola, é o segredo da estabilidade e do bem-estar das familias, da regeneração das raças, da honra e esplendor dos grandes povos prosperos.

Se nos dirigimos a vós por meio de uma carta collectiva; se nossa palavra reveste tão extraordinaria solemnidade, é porque desejamos chamar mais fortemente a vossa attenção para a situação actual de nosso paiz e de tantos outros em relação á religião, situação que nunca foi tão grave e tão pejada de ameaças.

Quando um perigo maior se annuncia imminente, as sentinellas postas por Deus sobre a casa de Israel devem reforçar a voz e clamar todas juntas: Alerta!

E' que com effeito, como observa um illustre Prelado, a lucta empenhada hoje no mundo chega a estes dois termos, que muitos homens, preoccupados por questões secundarias de ordem economica ou politica, não têm ainda assás comprehendido. Trata-se de saber se a sociedade moderna, nascida do Evangelho, ficará christã ou se ella cessará de o ser para ser substituida por uma sociedade, d'onde o nome de Deus e o de Nosso Senhor Jesus Christo serão banidos. Dizemos a sociedade: porque a questão não é questão particular ao nosso paiz; é collocada de maneira mais ou menos expressa para todas as nações.

«Vós conheceis os tempos actuaes, diz-nos Leão XIII no preambulo de uma de suas estupendas Encyclicas, tempos tão calamitosos para a sociedade christã como os não houve nunca. Vemos a fé, principio de todas as virtudes, perder em um grande numero; resfriarse a caridade; a mocidade crescer sob a influencia de doutrinas e costumes

perversos; a Igreja de Jesus Christo atacada de todos os lados pela violencia; guerra encarnçada contra o Soberano Pontifice; os fundamentos da religião abalados com audacia que vae crescendo todos os dias. Em que abysmo estamos já cahidos, quaes projectos se estão agitando nos espiritos sabese demais para que seja preciso explicar o.»

Fiel ás suas tradições, tendo até aqui defendido sempre corajosamente a causa sagrada, confiada á sua tutela, não ha de o episcopado brasileiro faltar d'esta vez ao seu dever.

Quando noite tempestuosa negreja sobre as ondas, o velho pescador accende em cima dos recifes da praia desabrigada um fogo salvador. Não é em verdade um pharol, de luzes cambiantes, prodigio da industria, a projectar muito ao longe sobre a solidão dos mares seus esplendidos clarões; é um fogo humilde, apenas sufficiente para apontar o porto de salvamento aos entes queridos que n'aquellas horas caladas e temerosas navegam.

Nós faremos como o modesto pescador: accenderemos o nosso fogo precisamente no logar que ameaça naufragio; e o accenderemos por amor, por amor dos que governam, por amor dos que são governados; para que este Brazil não se torne uma terra maldita de Deus, uma nação que Elle quebre como se quebra um vaso de argilla; para que não sirva a nossa querida patria de exemplo, ainda uma vez na historia do mundo, de como decahe e acaba desgraçada um povo descrente, um povo de que se baniu o respeito e o culto da Divindade.

Que será de ti, coitado e querido povo do Brazil, se além de tudo te roubam a tua fé, e ficas sem Deus, sem Deus na familia, sem Deus na eschola, sem Deus no governo e nas repartições publicas, sem Deus nos ultimos momentos da vida, e até na morte e na sepultura! Será possivel!

Basta, que te não ha de succeder tamanha desgraça! Povo catholico, tu ouvirás a voz de teus pastores, que só se inspiram no vivo desejo de salvar-te.

E primeiramente, que se ha de pensar d'essa separação da Igreja e do Estado, que infelizmente está consummada entre nós pelo decreto do governo provisório de 7 de janeiro do corrente anno? E' porventura, em si, boa, e deve ser acceita e applaudida por nós catholicos?

Em segundo logar, que havemos de pensar do decreto emquanto franqueia liberdade a todos os cultos?

Em terceiro logar, emfim, que temos de fazer os catholicos do Brazil em

face da nova situação creada á nossa Igreja?

Ajude-nos a graça divina para que fiquem estes tres pontos bem declarados.

(Continua).

o Socialismo Antigo

A republica de Platão

Como considerar-se as vivissimas descripções das instituições da antiga Grecia deixadas por Aristoteles, Xenophonte e Platão? Acaso como tratados scientificos serios, ou antes como obras de imaginação? Acaso deve n'ellas ver-se uma these de philosophia, em lugar de uma doutrina economica?

Seja como fôr, o que é certo é que as instituições da Grecia não vieram a lumen por um puro acaso. A maior parte d'ellas foram fructo das meditações de varios homens celebres.

Quando Platão escrevia os dialogos que compõe o seu famoso *Tratado da Republica*, é com bastante clareza que esse cidadão d'Athenas provava que a economia politica, tal como a entendemos actualmente, não era ignorada de seus contemporaneos os mais esclarecidos. Platão demonstrou as vantagens da repartição do trabalho com tal perfeição de lucidez, que a elle é que se deve a prioridade d'esta descoberta, que tanto encantara a Adam Smith.

É é aqui, que vem a proposito o citar-se algumas passagens interessantes, as mais curiosas, d'esse dialogo tão natural, tão verdadeiro e tão admiravel de exactidão e de singelosa (1).

«O que dá o ser á sociedade, é a impossibilidade em que nos achamos de produzir o que nos é indispensavel, e a necessidade que temos d'uma infinidade de coisas. Portanto, a necessidade havendo obrigado o homem a unir-se a um outro homem, a sociedade estabelece-se com um fim de socorro mutuo.

—Sim; mas não se communica a um outro o que se tem, para receber-se o que se não tem, senão porque se julga n'isso achar sua vantagem.

—Certamente.

—Edifiquemos pois uma cidade em ideia. As nossas necessidades a formão. Não é a primeira e a maior de todas a da subsistencia?

—Sim.

—Não é a segunda a da casa; e a terceira a do vestir?

—Sem duvida.

—Como a nossa cidade poderá pois

(1) *Republica de Platão*, liv. II.

fornecer a estas necessidades? Não será preciso, para isso, que um seja lavrador; um outro architecto, um outro tecelão? Porventura accrescentaremos um sapateiro ou qualquer artesão semelhante?

—Assim me parece.

—Toda a cidade é pois composta de varias pessoas; mas é preciso acaso que cada um dos habitantes trabalhe para todos os demais; que o lavrador, por exemplo, prepare o comer para quatro e que leve n'isso quatro vezes mais tempo e fadiga, ou não seria acaso melhor que, sem occupar-se dos outros, empregasse a quarta parte do tempo a preparar a sua refeição e as tres outras partes em fazer uma casa para si, e em fazer o seu fato e as suas botas?

—Parece-me que a primeira maneira seria a mais commoda. Effectivamente, nem todos nascem com os mesmos talentos e cada qual manifesta certas disposições particulares. As coisas iriam portanto melhor, se cada homem se limitasse a um officio, porque a tarefa é mais bem feita e mais facil quando ella é appropriada aos gostos do individuo e que elle é livre de todo outro cuidado.»

Com certeza, nunca as vantagens da repartição do trabalho foram tão claramente definidas como n'esta passagem notavel. Agora vamos já ver com que arte o engenhoso auctor vae ser levado á definição do dinheiro. «Eis portanto, continua um dos interpellantes de Platão, os carpinteiros, os ferreiros e outros operarios que vão dar entrada na vossa pequena cidade e a vão enriquecer. Será quasi impossivel, de então, o achar um logar d'onde ella possa tirar tudo o que é necessario para a sua subsistencia.

—A cidade terá necessidade de pessoas que vão buscar á vizinhança o que virá a faltar-lhe.

—Mas estas pessoas voltarão sem nada haver recebido, se ellas não levam aos vizinhos de que satisfazer tambem ás suas faltas.

—Com certeza, e será necessario gente que se encarregue da importação e da exportação das mercadorias. A essa gente chamar-se-ha commerciantes.

—E' o que eu creio, e mesmo, se o commercio se faz por mar, eis ainda uma infinidade de gente necessaria para a navegação.

—Mas, na cidade, como é que os nossos cidadãos farão acaso as partilhas uns com outros do seu trabalho?

—E' evidente que ha de ser pela venda e pela compra.

—E'-nos pois indispensavel ainda um mercado e uma moeda, symbolo do contracto.»

Não se julgaria pois, lendo-se estas linhas tão simples e tão precisas, ler-se um dos melhores tratados de economia politica da actualidade? E' difficil, effectivamente, de expôr com mais clareza a marcha natural do desenvolvimento industrial n'uma cidade que principia. A' medida que esta cidade imaginaria se enriquece a sua situação complica-se; a distribuição das riquezas ahi se faz d'uma maneira desigual e origina muitas vezes questões que não são faceis a resolver. «O que é que perde os artifices? diz Adimante (1).

—E Socrates responde: a Opulencia e a Pobreza.

—Como isso?

—D'este modo: o oleiro que se enriquece porventura occupa-se muito do seu officio?

—Não.

—Pois não se faz elle cada dia mais ocioso e mais negligente?

—Certamente.

—E por consequencia muito peor oleiro?

—Sim.

—De outro lado, se a pobreza lhe tira os meios necessarios de fornecer-se das ferramentas, e de tudo o que é indispensavel a' seu officio, d'isso soffrerá o seu trabalho; seus filhos e os operarios que fôrma serão menos habéis.

—Isso é verdade.

—Portanto as riquezas e a pobreza são igualmente perniciosas tanto ás artes como aos que a exercem.

—E' o que parece.

—Eis aqui duas cousas que os nossos magistrados tomarão muito cuidado em dar entrada na nossa cidade, a opulencia e a pobreza: a opulencia, porque ella origina a molleza e a ociosidade; a pobreza, porque ella produz a baixaza e a inveja: uma e outra porque ambas conduzem o Estado para uma revolução.

Cumpra ainda reconhecer aqui a perfeita competencia dos antigos no exame das mais graves questões da economia politica.

São passados para mais de dois mil annos, e ainda até agora se não tem obtido a realisação da utopia de Platão, d'esse justo-meio economico assegurando a cada um uma igual porção nos productos do trabalho. Não acabam nunca os taes oleiros enriquecidos que desprezam seu officio e os operarios pobres aos quaes cumpre fornecer as ferramentas que elles não podem haver por meio da compra.

E' portanto de ha muito que se pensa n'estes terriveis problemas do estado social, que nenhuma revolução deixa de abordar sem nunca resolver!

(1) *Da Republica*, liv. II.

Dictadura, escravidão, liberdade, rapina, associação, aristocracia, democracia, n'isso tudo foi gasto: o enigma resta ainda por explicar; feliz seria a nossa geração, se a sciencia lhe desse a chave em qualquer dia.

Em artigos subsequentes, trataremos ainda das theorias economicas de Platão, Xenophonte e Aristoteles.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Liberalismo

Carta pastoral do Ex.^{mo} Bispo de Carthagens

(Continuado do n.º 16)

X

Subordinação relativa do Estado á Igreja



DOCTRINA do Liberalismo politico sobre as relações entre a Igreja e o Estado pugna abertamente com a doutrina catholica.

Causa lastima vêr como confundindo cousas entre si completamente distinctas, muitos catholicos teem cahido nas redes do *Liberalismo contemporaneo*, com grave detrimento das suas almas, da Igreja e da sociedade.

Para dissipar as trevas da confusão accumuladas sobre este ponto pelo erro, e levar a luz da verdade a muitas intelligencias offuscadas, exporemos com clareza o conceito catholico, sobre as relações de que nos occupamos.

E' certo e indubitavel que tanto o Estado como a Igreja são sociedades completas e perfeitas, tendo uma e outra por objecto todo o bem do homem, a sua felicidade.

E' tambem indubitavel e certo que são ambas sociedades supremas e independentes, pois que os fins que se propoem realizar são distinctos e separaveis; a felicidade eterna e a felicidade temporal. E' igualmente certo e indubitavel que a Igreja é independente do Estado em tal grau, que o é *absolutamente*; mas não é certo e indubitavel, antes absurdo e falso, que o Estado seja independente da Igreja, no mesmo grau, isto é absolutamente, como affirmam os politicos liberaes.

Sem affirmar que o Estado está na Igreja (ainda que em certo sentido não seria absurda tal affirmação) (1); sem pretender que o Estado, quanto ás cou-

(1) Veja-se o Padre Liberatore, *Instituições d'Ethica e direito natural*, tom. I, cap. VI, art. III; *A Igreja e o Estado*, liv. I cap. III.

sas puramente temporaes, esteja sujeito à Igreja, porque então não seria já sociedade independente e suprema, attendendo tão sómente à natureza dos respectivos fins intimamente unidos e subordinados entre si: os theologos catholicos, sem excepção, a contar desde S. Thomaz d'Aquino (1), tem ensinado que entre a Igreja e o Estado deve reinar estreita amizade, perfeita harmonia, a qual não poderia obter-se sem que o Estado, em razão do seu fim, esteja subordinado à Igreja.

A harmonia resulta da ordem, e a ordem não pôde conseguir-se se as cousas se não dispõem segundo as suas reciprocas relações.

O eximio Suarez, em uma das suas obras, magnífica como todas as que sahiram da sua egregia penna, escreve estas palavras:

«Devemos afirmar que o poder ecclesiastico é, não só mais nobre em si, mas também superior, e que tem subordinado a si o poder civil. Esta conclusão, *acrescenta*, é certa e commun entre os catholicos» (2).

Seguiu a Suarez o Cardeal Bellarmino, que sem dar à Igreja o poder directo sobre os negocios temporaes, que lhe attribuiram João de Salisbury e Egydio Romano, não só expoz claramente a doutrina de Suarez, na sua magistral obra *De controversiis christianæ fidei*, etc., senão que a defendeu contra as impugnações de Jorge Barclay, assalariado pelo rei da Inglaterra (3), com razões tão firmes e argumentos tão contundentes, que convencido com elles Leibnitz, o homem de mais preclaro engenho, e talvez de mais boa fé que tem tido o protestantismo, admittia de bom grado a doutrina estabelecida pelo insigne Cardeal: «Os argumentos de Bellarmino, dizia Leibnitz, o qual da these de que os Papas tem jurisdicção espiritual de duzia que também tem jurisdicção, pelo menos indirecta, sobre o temporal, não pareceram desprezíveis ao proprio Hobbes. E' certissimo, effectivamente, que a idéa da jurisdicção espiritual implica pela sua própria natureza o principio da superioridade sobre o temporal» (4).

E não é que Suarez e Bellarmino inventassem esta doutrina, com o fim de engrandecer a Igreja e o Papado, como nesciamente tem sido accusados, não: os afamados theologos da Companhia de Jesus tinham bebido os seus ensina-

mentos nas correntes crystalinas da tradição christã, cujos testemunhos e documentos se encontram recolhidos com admiravel paciencia e pasmosa erudição pelos dois sabios jesuitas.

Sem nos determos agora a copiar os egregios testemunhos de S. Gregorio Nazianzeno, do Papa S. Gelasio, de S. Leão o Grande, de Santo Agostinho, S. João Chrisostomo, Santo Izydoro de Sevilha e outros nos primeiros seculos; nem os de Alexandre III, e sobretudo de S. Gregorio VII, por occasião da celeberrima questão chamada *dos investituros* (1); os de S. Thomaz d'Aquino e dos Escolasticos, nos seculos medios; não queremos todavia passar em silencio um illustre documento, em que por occasião da *Pragmatica sancção* de França, se condemna solememente a doutrina contraria, quer dizer, a autonomia absoluta do Estado com respeito à Igreja. Referimo-nos à celebrissima Bulla dogmatica *Unam Sanctam Ecclesiam*, dada por Bonifacio VIII, approvada depois por Leão X e pelo Concilio V de Latrão.

Ouvi como se expressa o Pontifice citado: «A espada temporal, symbolo do poder civil, convem que esteja subordinada à espada espiritual, symbolo do poder ecclesiastico. Isto é o que indispensavelmente requerem a recta ordem e a devida relação das cousas; das quaes é lei divina que as infimas estejam subordinadas às medianas, e as medianas às supremas. Ora, ninguem ignora que o poder espiritual supera tanto em nobreza e importancia a qualquer poder terreno, quanto os interesses espirituaes se avantajam aos temporaes» (2).

Com estas palavras tão notaveis concordam perfeitamente as do Nosso Santissimo Padre Leão XIII: «Mas o que mais importa e Nós temos mais d'uma

(1) E' celebre a comparação feita por este valoroso Pontifice dos dois poderes, com o sol e a lua; vulgarissima é também entre os liberaes a calunnia inventada contra este egregio Successor de S. Pedro, de aspirar à fundação d'uma theocracia universal; calunnia que não tem outro fundamento que a doutrina, constantemente defendida por elle, da subordinação relativa do Estado à Igreja. Proprios e estranhos o vingaram victoriosamente de semelhante accusação.

(2) Eis as palavras do Concilio Eecumenico Lateranense: «Cum de necessitate salutis existat, omnes Christi fideles Romano Pontifici subesse, prout divinae Scripturae et Sanctorum Patrum testimonio edocemur, de constitutione fel. mem. Bonifacii Papae VIII similiter praedecessoris nostri, quae incipit *Unam Sanctam* declaratur; pro eorumdem animarum salute, ac Romani Pontificis, et hujus Sanctae Sedis supremae auctoritatis: et Ecclesiae sponsae suae unitatis et protestatis, Constitutionem ipsam sacro praesenti Concilio approbante, innovamus et approbamus.»

vez advertido (1) ainda que o poder civil não mira proxivamente ao mesmo fim que o religioso, nem vac pelas mesmas vias, comtudo, ao exercer a auctoridade, é forçoso que hajam de encontrar-se, ás vezes, um com o outro. Ambos teem os mesmos subditos, e não é raro decretarem um e outro acerca da mesma cousa, se bem que por motivos diversos. Dado este caso, e sendo o embate cousa nescia e aberrantemente opposta à vontade sapientissima de Deus, é preciso algum modo de ordem, com que desviadas as causas de porfias e rivalidades, haja conformidade nas cousas que hão de fazer-se. Com razão se compara esta conformidade à união da alma com o corpo, igualmente proveitosa a ambos, cuja desunião, ao contrario, é pernicioso, principalmente ao corpo, que por ella perde a vida.»

E notae, veneraveis irmãos e amados filhos, que nas palavras transcriptas não só confirma Leão XIII, como o seu glorioso predecessor Bonifacio VIII, a doutrina dos theologos, mas que além d'isto, para a esclarecer, emprega a mesma comparação de que elles se valeram, para exprimir as relações entre o poder ecclesiastico e o poder civil, analogas ás que existem entre a alma e o corpo nos dominios humanos.

Simile usado já por S. Thomaz d'Aquino, tanto na *Summa*, como na obra *De Regimine Principum*, copiado de-

(1) *Encyclica Immortale Dei*: «Pelo visto se vê como Deus fez compartilhar do governo de todo o genero humano dois poderes: o ecclesiastico e o civil; este, que oulta directamente dos interesses humanos e terrenos; aquelle, dos celestiales e divinos. Ambos os poderes são supremos, cada um em seu genero; contem-se distintamente dentro do termos definidos conforme à natureza de cada um e à sua causa proxima; do que resulta uma como dupla esphera d'acção, em que se circumscrevem os seus peculiares direitos e sendas attribuições.

«Mas como o sujeito sobre que recheim ambos os poderes soberanos é um o mesmo, e como, por outra parte, se acontecer que uma mesma cousa pertença, se bem que sob differente aspecto, a uma e outra jurisdicção, claro é que Deus, providentissimo, não estabeleceu aquelles dois soberanos poderes sem constituir juntamente a ordem e o processo que devem guardar na sua acção respectiva. Os poderes que são, são por Deus ordenados» (S. Paulo, Epist. aos Romanos, XIII, I.)

«E', pois, necessario que entre os dois poderes haja certa travadura ordenada; travadura intima que não sem razão se compara à da alma com o corpo no homem. Para julgar como e qual seja aquella união, forçoso é attender à natureza de cada uma das duas soberanias, relacionadas assim como dito fica, e ter em conta a excellencia e nobreza dos fins para que existem, pois que uma tem por fim proximo e principal o cuidar dos interesses caducos e fugidios dos homens, e a outra o de procurar-lhos os bens celestiales e eternos.»

(1) *De Regimine Principum*, lib. I, cap. XIV; *Summa Theolog.* 2.^a, 2.^a quæst. 60 art. VI, ad 3.

(2) *De Legibus*, lib. IV, cap. IX.

(3) *De potestate summi Pontificis in rebus temporalibus*, adv. Barolajum.

(4) Leibnitz, *Opera*, tom. IX, p. III, pag. 401.

pois por Suarez, Vasquez, Rivadeneira, Mariana, e sobre todos por Bellarmino, a quem ninguem igualou na exposição d'esta abstrusa materia.

Ainda com risco de vos enfadar, não podemos resistir ao desejo de copiar algumas phrases do illustre Cardenal: «Assim como no homem, diz elle, estão relacionados entre si o espirito e a carne, assim estão aquelles dois poderes na Igreja. Pois a carne e o espirito veem a ser como duas republicas, que ora se encontram separadas, ora unidas. A carne tem o sentido e os instinctos aos quaes correspondem actos e objectos proporcionados, e cujo fim immediato é a saúde e o bem-estar do corpo. O espirito, tem o entendimento e a vontade, e actos e objectos a elles proporcionados, e tem por fim a saúde e a perfeição da alma. Encontra-se a carne sem o espirito no bruto, e acha-se o espirito sem a carne no anjo. D'onde parece que nenhum dos dois foi feito precisamente para o outro. A carne todavia encontra-se unida ao espirito no homem, no qual constituindo uma só pessoa, tem necessariamente entre si subordinação e enlace. A carne está subordinada e o espirito preside, ainda quando o espirito não se envolve nas acções da carne, mas lhe deixa exercitar os seus actos, proprios da animalidade; não obstante, quando estes prejudicam o fim do espirito, o espirito manda a carne e a reprime, e se é necessario prescreve-lhe jejuns e outras mortificações, mesmo com certo detrimento e debilitação do corpo, e obriga a lingua a calar-se e os olhos a não olharem. E do mesmo modo, se para conseguir o fim espirital é necessaria uma operação da carne, e até a morte, o espirito pode mandar a carne que a semelhante prova se expõe a si mesma e a todas as suas cousas, como vemos que succedeu nos martyres.

«De analogia maneira, o poder politico tem os seus principes, as suas leis, os seus tribunaes, etc.: e tambem o poder ecclesiastico tem os seus bispos, os seus canones e os seus juizos. Aquelle tem por fim a paz temporal; este a vida eterna. Podem encontrar-se separados como no tempo dos apóstolos, e podem achar-se unidos como agora. Estando unidos formam um só corpo; mas devem estar enlacedos por tal modo, que o poder inferior esteja sujeito e subordinado ao superior. E por isto não se intromette o poder espirital nos negocios temporaes, senão que os deixa desenvolver-se livremente como antes, com tanto que não prejudiquem o fim espirital, e não sejam necessarios para a sua consecução. Quando isto acon-

teça, pode e deve o poder espirital refrear e sujeitar o poder temporal, por todos os modos e meios que pareça necessario» (1).

«Não se poderia expôr com maior lucidez, escreve o Padre Liberatore (2), a distincção e independencia relativa do poder civil no que se refere á esphera do temporal, assim como a sua dependencia do poder espirital quando as cousas temporaes tocam de qualquer modo nas espirituaes.»

Jurisprudencia canonica

Em que sentido se entende o privilegio concedido pela Bulla, de escolher um confessor entre os approvados?

CONSULTA

Ticio, presbytero approvedo para ouvir confissões em certa diocese, e que não tinha jurisdicção quando se lhe apresentou um penitente, munido da Bulla da Cruzada, ouviu-o de confissão e absolveu-o. Pergunta-se: podia fazel-o em virtude da mesma Bulla, que concede ao penitente o privilegio de eleger um confessor entre os approvados pelo ordinario?

RESPOSTA

Do texto da consulta vê-se claramente, que o sacerdote Ticio não tinha jurisdicção, a qual tinha cessado desde o dia em que terminou o prazo que o ordinario lhe tinha marcado nas suas licenças, e desde aquelle dia em diante, não tinha por conseguinte subditos sobre que a exercer.

E' verdade que Ticio, sendo presbytero, tinha recebido na ordenação o poder de perdoar peccados, mas não podia exercital-o na occasião em que absolveu o tal penitente, por falta de jurisdicção, a qual é indispensavel para este effeito, como se vê do cap. 7 da Sess. 14 do Concilio Trid. Alem d'isto, na Sess. 23 c. 15 do mesmo Concilio, decreta-se o seguinte: «Nullum sacerdotem, etiam regularem, posse confessiones saecularium etiam sacerdotum audire, nec ad id idoneum reputari, nisi ant parochiale beneficium, aut ab episcopis per examen, si illis videtur esse necessarium, aut alias idoneum judicetur, obtineat.»

Ora, na praxe, segundo a actual disciplina da Igreja, como observa Gury, a approvação e jurisdicção são conferidas pelo prelado no mesmo acto, tan-

to aos sacerdotes como aos regulares isemptos. E uma tal approvação compete sómente ao bispo da diocese, onde se devem ouvir as confissões, e só tem valor, durante o tempo por elle marcado.

Nem basta a approvação do bispo do penitente nem a do bispo do sacerdote, como se determina na Bulla de Innocencio XIII, de 1700, sob pena de taes confissões ficarem nullas e os confessores suspensos. «Confessarius, diz o Papa, tam saeculares quam regulares, quicumque illi sint, nullatenus posse audire poenitentes sine approbatione Episcopi loci, in quo ipsi poenitentes degunt. neque ad hoc suffragari semel aut pluries ab aliis ordinariis aliam diocesum obtentam, etiam si poenitentes illorum ordinariorum, qui tales confessarios approvassent, subditi sint.»

Ora, Ticio, embora tivesse sido approvedo n'outro tempo para ouvir confissões, essa approvação tinha cessado, quando ouviu o tal penitente, e com ella lhe tinha findado a jurisdicção. E a absolvição sacramental, devendo ser dada em forma de juizo, só pode ter valor e produzir os seus effeitos, quando recahe sobre subditos, de que Ticio estava então privado, e por conseguinte a absolvição que deu a um tal penitente, embora munido da Bulla da Cruzada, foi omnimodamente nulla, como o declara o Concilio de Trid. na Sess. 14 cap. 7 com estas palavras:

«Quoniam igitur natura et ratio iudicii illud exposcit, ut sententiam in subditos duntaxat feratur; persuasum semper in Ecclesia fuit et verissimum esse, Synodus haec confirmat, nullius momenti absolutionem eam esse debere quam sacerdos in eum profert, in quam ordinariam aut subdelegatam non habeat jurisdictionem.»

Mas, pergunta o nosso consulente, poderia Ticio em virtude da mesma Bulla que concede ao penitente o privilegio de poder eleger um confessor entre os sacerdotes approvados ser esse confessor?

Releve-nos o nosso consulente que francamente lhe digamos, que nos custa muito a crer na ignorancia d'um sacerdote, que assim interpreta as palavras da Bulla da Cruzada, cujo sentido é tão obvio e ao mesmo tempo tão contrario a uma tão arbitraria interpretação. Basta ler o texto da Bulla n'este ponto, para, ainda o mais simples bom senso, se recusar a admittil-a. Eis o que diz a Bulla de 13 de abril de 1886 a tal respeito.

«Jiisdem utriusque sexus fidelibus damus veniam sibi elegendi bis in anno, id est, semel in vita et semel in articulo mortis quemlibet ex confessariis ab ordinario loci rite appro-

(1) De contro. tom. I. De Romano Pontifice, lib. V, cap. VI.

(2) A Igreja e o Estado, lib. I.

«vatis, ut in foro consciencie per eundem a quocumque peccato et a censuris cuivis ordinario et etiam apostolicæ Sedis reservatis, excepto etc.»

O privilegio, portanto, de que aqui se falla é para o penitente poder eleger um confessor dos approvados pelo ordinario e com jurisdicção actual para ser absolvido de todos os peccados e censuras, quer reservadas ao Papa, quer aos ordinarios, uma vez na vida e outra na morte, durante o anno da publicação da Bulla, afóra os dois que a mesma exceptua.

Portanto, Ticio commetteu um despropósito descommunal, quando, desprovido de jurisdicção, absolveu o tal penitente, que só estando munido de jurisdicção actual podia absolver das censuras acima ditas, e a tal confissão foi, por conseguinte, nulla—*nullius in nomine*—como diz o Conc. Trid.

F. A.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

52.º

CXXIII

P. Isaac Martineau

USTE sabio e virtuoso jesuita nasceu em Angers, no anno de 1640, e chegou a occupar na sua Ordem os primeiros logares, distinguindo-se em todas as sciencias. Atacado de varíola, o P. Isaac Martineau ficou inteiramente desfigurado no rosto, de modo que, segundo consta, apresentava uma figura horrivel.

Sucedeu que em 1682 o joven duque de Bourbon devia passar do estudo da rethorica ao da philosophia no Collegio de Luiz o Grande, e para esse fim se procurava um professor que tivesse as qualidades necessarias.

Os jesuitas de Pariz participaram ao principe de Condé que tinham um excellent professor de philosophia no collegio de philosophia para o joven duque, mas que não ousavam fazello vir à côrte, porque era horrivelmente disforme.

Apesar d'isso o principe quiz que elle fosse chamado; veio e agradou à côrte. Em seguida, Luiz XIV e todas as pessoas da familia real, bem como todos os cortezãos, diziam de P. Martineau: A sua figura é desagradavel, mas a sua alma é bella.

O jesuita Martineau foi tambem confessor do duque de Borgonha, pae de Luiz XV. Aquelle principe de tantas es-

peranças, que não chegou a reinar, morrendo ainda joven, foi distincto por suas virtudes moraes e christãs. O P. Martineau assistiu-lhe sempre com seus conselhos durante a sua vida e na sua morte.

Este sabio jesuita falleceu em 1720, de avançada idade, deixando varias obras de piedade, que revelam a grandeza do seu espirito.

A obra que lhe deu maior reputação foi a que escreveu com o titulo: *Virtudes do duque de Borgonha*.

Voltaire, fallando d'este principe, disse que «para vergonha do espirito humano, nenhum volume tem apparecido para dar a conhecer as suas virtudes que mereciam ser celebradas».

Vê se, portanto, que o philosopho de Ferney não tinha noticia da obra do jesuita Martineau. E porque não reparou essa falta, quando depois d'esse tempo escreveu trinta volumes?

Ora convem saber que já tambem o abbade Claudio Fleury tinha escripto uma vida do duque de Borgonha; mas a do jesuita Martineau foi a primeira que se publicou.

CXXIV

P. Carlos Porée

O proprio Voltaire, esse inimigo encarnizado do Christianismo, pronunciava com respeito e com affecto o nome d'este jesuita, cujas lições em mancebo escutara.

Eis o que diz Voltaire:

«Nada riscará jámais de meu coração a lembrança do P. Porée, que é egualmente cara a quantos estudaram com elle. Jámais homem algum tornou o estudo e a virtude mais amáveis. As horas de suas lições eram para nós horas deliciosas; e eu quizera que se estabelecesse em Paris, como em Athenas, o poder-se em toda a idade assistir a taes lições. Eu viria muitas vezes ouvi-las.»

Não se pôde dizer mais em elogio do jesuita Porée: *Nunca homem algum tornou o estudo e a virtude mais amáveis*. Digamos, porém, alguma coisa mais em particular d'este homem notavel da Companhia de Jesus, geralmente considerado como um grande vulto litterario do primeiro quartel do seculo XVIII.

Carlos Porée nasceu em Caen (França) em 1675, entrando na Ordem de Santo Ignacio em 1692. Professando as humanidades, faculdade em que alcançou grande reputação, foi chamado a Pariz a estudar theologia, e ao mesmo tempo os superiores o encarregaram da direcção d'alguns pensionarios.

Em 1708 foi nomeado professor de rethorica no collegio de Luiz o Grande,

emprego que elle exerceu por mais de 30 annos dignissimamente.

Este jesuita recusou acceitar aquelle cargo, e todo o seu desejo era dedicar-se ás missões contra os infieis; mas, apesar das suas instancias, não pôde deixar de submeter-se occupando com zelo, piedade e applicação a mesma cadeira em que se tinha sentado o jesuita José Jouvency, de quem foi digno successor.

O P. Porée formou discipulos muito distinctos na sua eschola, e entre elles dezenove membros da Academia franceza. Elle amava seus educandos, e tinha a arte de se fazer amar. Era um humilde religioso, observantissimo da regra do seu instituto e exactissimo no cumprimento dos deveres religiosos.

Apenas occupado no seu ministerio, vivia no meio de Pariz quasi tão solitario como se estivesse n'um deserto. Este homem doutissimo morreu em 1741, com sentimento geral de todos os sabios.

As suas obras são muito variadas, distinguindo-se por sua eloquencia e poesia, estylo e elevação de espirito. Algumas foram editadas pelo P. Henrique Griffet, sabio jesuita, que escreveu a vida do auctor.

Em seguida daremos uma breve noticia do P. Griffet.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

SERMÕES do Padre Agostinho de Montefeltro, da Ordem dos Menores Observantes, prégados na igreja de S. Carlos de Roma durante a quaresma de 1889, traduzidos e publicados pela direcção da «Correspondencia de Roma.»

O Padre Agostinho de Montefeltro é, talvez, a maior notabilidade européa no presente seculo do pulpito sagrado. Humilde filho de S. Francisco, ha cinco annos era ainda completamente desconhecido do publico. Vivera até 1886 escondido no seu claustro, entregue á penitencia, oração e estudo, como todos os filhos do seraphico pobre d'Assis. De repente surgiu como luminoso astro no pulpito sagrado. Onde primeiramente a sua fama começou a revoar foi em Pisa, em cuja cidade prégou na quaresma de 1886, arrebatando a todos os seus ouvintes pela sua eloquencia apostolica, arrebatamento que por vezes expluiu em phreneticos applausos e aclamações dentro do proprio templo. Um delirio, de que participaram todas as classes sociaes, que se apinhavam no templo a ouvir o notavel prégador!

Na quaresma de 1889, o Padre Agostinho de Montefeltro devia prégar na cathedral de Sena; mas Leão XIII quiz que Roma experimentasse os salutareseffeitos da palavra exemplar d'este prestimoso apostolo, e ordenou que elle viesse prégar aquella quaresma na Cidade Eterna.

O que então succedeu sabem-no os leitores: o templo de S. Carlos, apesar de ser d'enormes proporções, era pequeno para conter os fleis que alli acudiam a ouvir a prestigiosa palavra do humilde franciscano; os logares no templo disputavam-se á força; a tropa intervinha sempre para restabelecer a ordem e a paz: era uma constante romaria para a igreja de S. Carlos sempre que se sabia que fallava o Padre Agostinho.

Apenas o humilde franciscano subia á cadeira da verdade, religioso silencio reinava entre aquella massa compacta de seres humanos, pertencentes a todas as camadas sociaes. A palavra do illustre frade era ouvida quasi em extasis por aquella enorme multidão; e quando, nos rasgos mais salientes da sua eloquente oração sagrada, o Padre Agostinho como que deslumbrava e arrebatava os seus ouvintes, estes, esquecendo-se do santo logar em que se achavam, rompiam em aclamações áquelle humilde prégador da palavra de Deus.

São estes sermões, que tanta sensação causaram em Roma, e que até foram elogiados pelos mesmos jornaes liberaes, subsidiados por Crispi e pela maçonaria,—tal era o prestigio e erudicção do illustre prégador!—que a direcção da *Correspondencia de Roma* traduziu e publicou.

Que se poderá dizer em elogio d'esta obra, depois da consagração que toda Roma fez aos sermões do Padre Agostinho de Montefeltro?

Entendemos que o elogio dos *Sermões do Padre Agostinho* está feito, citando-se o nome do seu auctor e lembrando o que, por occasião de serem pronunciados, se passou no templo de S. Carlos, em Roma.

A' direcção da *Correspondencia de Roma* agradecemos o exemplar que nos mandou dos *Sermões*.

RELIGIÃO E CRITICA por Egydio Pereira de Oliveira e Azevedo, bacharel formado em theologia, Conego honorario da Sé de Lamego, professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Coimbra. Editores Lugan & Genelioux, successores de Ernesto Chardron, Porto.

E' um livro de 333 paginas, que contém boa doutrina e está escripto n'um estylo attrahente.

Divide-se em duas partes: a primei-

ra trata de religião; a segunda contém considerações scientificas.

A materia que o livro encerra não é nova: já foi publicada em artigos na revista *Instituições Christãs*, de Coimbra, de que o illustado auctor é collaborador.

A *Religião e Critica* é um livro digno de lèr-se, porque é instructivo e delectoso.

Agradecemos a offerta do exemplar que nos foi enviado.

O BARDO CATHOLICO por José Maria Ançã.

São umas cem paginas de versos, repassados de religião e de crença, como o proprio auctor diz.

As poesias que se encontram no *Bardo* foram escriptas pelo seu auctor, quasi todas, aos quinze annos, e dictadas pelo sentimento christão, bebido, na infancia, com o leite materno.

E' um livrinho que merece ser lido pelos amantes da poesia.

O illustado auctor dedica o seu livrinho aos catholicos. Preço do livro, 400 reis.

Agradecemos a offerta do exemplar que nos foi remettido.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Os Andes •

(Vid. p. 181)

Os Andes, conhecidos tambem pela designação de Cordilheiras, são uma immensa cadeia de montanhas da America do sul, que se prolongam pela costa occidental desde o cabo Froward até ao isthmo de Darien, comprehendendo uma extensão de cerca de sete mil kilometros. Mas o que ao sul se chama Andes e ao norte Cordilheira, não é, a bem dizer, mais do que uma parte das montanhas Rochosas, que atravessam a America d'um extremo ao outro, desde o estreito de Magalhães até ao de Behring.

A palavra Andes provem do peruviano *antis*, que de per si se deriva de *anta*, que significa cobre. Este nome havia sido dado primitivamente a uma cadeia junto de Cuzco, onde provavelmente havia minas d'aquelle metal.

Esta grande montanha pôde dividir-se em diversos ramos; os Andes da Patagonia, chamados tambem *Sierra Nevada de los Andes*, sempre cobertos de neve, e cujo cimo mais elevado, chamado Corcovado, tem d'elevação quatro mil metros e é de constituição geral mente granitica; os Andes do Chili, cujos cimos excedem por toda a parte os limites das neves eternas, e cujo ponto

culminante parece attingir seis mil e quatro centos metros. Esta parte da cordilheira contem vinte e seis vulcões em actividade e os valles que cortam servem de leitos a numerosos lagos, os mais importantes dos quaes são o Villarica, o Nahalhuapi e o Desaguadero. Os Andes do Chili eram outr'ora riquissimos de metaes preciosos, como ouro, prata, etc.

Os Andes do Peru, conhecidos igualmente pelo nome de Cordilheira real dos Andes, é uma outra ramificação, que de per si forma outras ramificações, uma das quaes vae até ás fronteiras da Colombia. Ha emfim os Andes da Colombia, onde estão situados os elevados pincaros do Chimborazo, do Pichincha, do Cotopaxi, do Antisana e do Cayaba.

Esta parte da Cordilheira contem desoito vulcões em actividade e muitos solfatares, isto é, vulcões apenas apagados.

Desde a viagem de Humboldt considerou-se o Chimborazo como o ponto mais elevado de toda a America; mas um viajante inglez, M. Pentland, reconheceu que o ponto mais elevado dos Andes é o Nevado de Sorata, na Cordilheira oriental, pelo decimo quinto grau de latitude sul, e que mede sete mil e trescentos e quinze metros d'altura. Depois d'este os picos mais altos são o Illimani, que tem sete mil trescentos e quinze metros; o vulcão de Gualatieri, sete mil e cem metros; o Acosta, seis mil e sete centos metros; o Chimborazo, seis mil quinhentos e trinta metros.

Os cimos dos Andes estão constantemente cobertos de neve; na fralda, especialmente na região do equador, encontra-se a vegetação dos tropicos; cresce ali a canna do assucar, as diferentes especies de cactus, as plantas oleaginosas, e especialmente a quina, um dos vegetaes mais famosos d'aquella parte da America, e de que ha florestas inteiras nas visinhanças de Quito. Troncos de cedros vermelhos, cyprestes, pinheiros, loureiros, myrtos, assombream as vertentes dos Andes. O pinheiro attinge algumas vezes em certas localidades a altura de oitenta e cinco metros, occupando as mais altas regiões; o loureiro é demasiado grosso para construcções e o myrtho fornece excellente madeira para carros.

Além das minas d'ouro e prata, as mais afamadas das quaes são o Potosi e Copiapo, ha nos Andes magnificos jazigos de platina.

Dissemos que abundam os vulcões. Em 1743 teve logar na Nova Granada uma irrupção que havia, dias antes, sido precedida por um arruido terrivel nas concavidades da montanha. Então operou-se uma abertura no cimo d'ella

e tres na vertente que a neve cobria. As cinzas, misturadas com a neve e o gelo derretido, foram arrastadas com tal violencia, que cobriram a planicie desde Calhao até Latacunga, e em um momento todo aquelle espaço se tornou um mar, em cujas agoas candentes morreu uma grande parte dos habitantes.

O ribeiro de Latacunga foi o canal por onde as agoas se escoaram; mas como elle não era sufficiente para as conter, trashedaram para o lado das habitações e levaram todas as casas.

Mas isto foi apenas o preludio de uma irrupção ainda mais terrível, que rebentou no dia 10 de novembro com tal violencia, que todos os habitantes tiveram que deitar a fugir.

Uma parte da provincia foi ainda convulsionada em 1797. Quarenta mil pessoas foram victimas d'um tremor de terra, em seguida ao qual a temperatura de Quito ficou sendo muito mais fria do que antes o era.

Abre ao melhor dos amigos!

(Vid. p. 193)

Empunhando o bordão de eterno peregrino,
A' tua porta vem manso, manso bater:
Com solioito rosto, amavel e divino,
Que te virá pedir, que donativo quer?

Oh! não, a requerer não vem, triste mendigo,
A material esmola, o quotidiano pão:
Apresenta-se, sim, munificente amigo,
De dons celestes pleno o amante Coração.

Patente Elle t'o mostra: é splendido thesouro
De infinita doçura, imperturbavel paz;
Não mentida riqueza e corruptivel ouro,
Mas inexhausto aior e infundo bem te traz.

E todo Elle t'o dá! Que mais podes pedir-lhe,
Quando te abre esse immenso e puro manancial,
Convidando-te, meigo, a já na terra haurir-lhe,
Quaes arras e penhor, mauná celestial?

Mas contempla-o: ferido,—a chaga verta sua
Sangue que em hora má, de cego, impio furor,
Lhe arrancou mão cruel—oh peccador, a tua!—
Para a vida acabar da vida ao summo Auctor;

Ardente,—chamma viva, intensa claridade,
O circumdam de doce e sob'humana luz,
Divina, perennal fragna de caridade,
Que sobre o mundo inteiro irradiou da cruz;

De espiuhos coroado,—é commovente emblema
Do sacrificio heroico e constancia sem par
De Quem se submettea, sem culpa, á dor suprema,
Para do mundo infido as culpas apagar;

Encimado da cruz,—o symbolo offerece
Da expiação perpetua e inteira immolação,
Pelos homens, de um Deus tam bom que os ostromceco,
Do Pae celestial á justa indignação.

Taes armas e divisa um dia trouxe ao mundo,
E com ellas, christão, á tua porta vem;
Com ellas vencer busca o teu somno profundo,
Gelida indiferença e terrenal desdem.

Abre, abre ao teu amigo, ingrata creatural
Quasras ficar surda a chamamento tal?
Só teu affecto pede, e o paga com usura
Dando-te gloria eterna e ventura immortal!

A. Moreira Bello.

SECÇÃO NECROLOGICA



pós longa e dolorosa doença sofrida com a maior resignação, finou-se no dia 5 do corrente em S. Domingos de Bemfica, o Rev.º Padre João Affonso Pires Xavier, que por muitos annos foi capellão da piedosa familia dos Exc.ªs Marquezes de Fronteira. Era um ecclesiastico illustrado tendo feito com distincção o curso do seminario de Santarem, e d'um comportamento exemplar. Não obstante ter-se preparado para a morte com todos os sacramentos da Igreja, e ter lido a morte dos justos, pede-se com tudo um *Pater noster* por sua alma a todos os leitores d'este jornal, de que elle tambem era assignante.

—No mesmo dia 5 do corrente entregou tambem a alma a Deus, munido de todos os sacramentos, o snr. Antonio Augusto Moreira Gomes Ribeiro, catholico de firmes crenças. Pouco tempo soffreu. A sciencia humana, chamada desde que a sua saude se affectou, foi impotente.

A sua excellente irmã, a snr.ª D. Maria Barbara Moreira Gomes, envia meus sinceros pesames por esta irreparavel perda. Infeliz senhora! Ainda ha oito mezes perdeu sua boa e carinhosa mãe, e já hoje pranteia de novo a perda do irmão estremecido!

Aos leitores pedimos suas orações por alma dos fallecidos.

RETROSPECTO

A aposentação do clero.—Parece que os nossos governantes andam empenhados em conceder aposentação ao clero, que, incontestavelmente, é a classe mais prestimosa do paiz. O snr. Veiga Beirão apresentou, quando ministro da justiça, um projecto de lei n'este sentido, e o actual ministro da justiça perfilhou o, apresentando-o de novo á camara dos snrs. deputados.

As condições da aposentação são, porém, tão boas, que os pobres parochos pedem quasi com as mãos erguidas que, pelo amor de Deus, os não sobrecarreguem com tantos *beneficios*, porque receiam morrer d'indigestão no caso de precisarem da aposentação. Imagine-se que, para um parochos ter direito á aposentação, deve ter completado 75 annos! Parece que o governo quer decretar a aposentação para...

os mortos, porque raros são os parochos que, tendo, como teem, uma vida laboriosissima, attingem a idade de 75 janeiros.

O snr. Bispo da Guarda fallou, não ha muito, na camara dos dignos pares, e contou por essa occasião um facto interessantissimo, que reproduzimos. Disse s. ex.ª rev.ª:

«Peço licença para contar á camara o seguinte facto. Ha na minha diocese um sacerdote respeitavel pelos seus longos serviços prestados á instrucção secundaria e superior, á Igreja e ao Estado: foi o ultimo governador do bispado de Pinhel; o meu illustre collega o snr. bispo do Algarve conhece-o, tem mais de noventa annos, e agora está cego, e foi indispensavel substituí-lo no serviço; e a Igreja renderá 100\$000 reis.

«A minhas instancias, conseguiu o subsidio de 60\$000 reis annuaes. Ao ter noticia d'isto escreve-me, dizendo: veja a triste condição do clero; a um parochos nas minhas condições dá-se um subsidio de 60\$000 reis annuaes e a um actor na mesma data a aposentação com 75\$000 reis mensaes!! Respondi: dê graças a Deus e resigne-se, visto já não poder seguir a profissão de actor. (*Muitos apoiados.*)»

A um sacerdote respeitavel, que prestou importantes serviços á instrucção, ao Estado e á Igreja, atira-se-lhe, como por esmola, tendo 90 annos e estando quasi cego, com 60\$000 reis annuaes; a um actor, que passou a vida a rir-se e a fazer rir o publico, sem outra folha de serviços, dá-se-lhe de mão beijada 75\$000 reis mensaes! E, note-se, o actor, apesar d'aposentado, continua a representar, e portanto a colher grossos cobres do seu modo de vida; ao passo que o infeliz velhinho nada pôde ganhar, porque está impossibilitado d'isso pelos seus achaques e avançada idade.

E tudo caminha assim...

Quando dará a maçonaria licença de que o Padre catholico tenha em Portugal as mesmas regalias que qualquer cidadão? Quando se reconhecerá, em fim, que o parochos é o melhor servidor do Estado, e que, portanto, este o deve olhar complacientemente, dando-lhe aquillo a que elle tem jus?

Só Deus o sabe!

Coragem e dedicação d'um Padre.—Não é raro ouvir dizer aos materialões que o sacerdote catholico é um egoista, sem amor da humanidade, incapaz de se sacrificar pelo seu semelhante, amigo só de seus interesses e do seu bem-estar. Todos sabemos que estas accusações são infundadas, porque, em

regra geral, não ha quem seja mais dedicado ao proximo e desprendido de suas commodidades do que o sacerdote christão, bem compenetrado da sua missão.

Ahi vae um rasgo de coragem e dedicação, de que foi protagonista um Padre, rasgo que encontramos relatado nos jornaes francezes. Digam-nos aqui mui baixinho os inimigos do clero se, em egualdade de circumstancias, seriam capazes d'imitar o virtuoso sacerdote Fressard:

Um veneravel conego da Sé Prima cial de Rouen, o Padre Fressard, de 68 annos d'idade, antigo capellão d'um hospital, passava pela rua Saint-Romain. Na occasião atravessava um carro. Uma criancinha de dez annos, filha d'um relojoeiro chamado Bénard, que brincava junto da officina do pae, atemorizou-se, correu e caiu. A criancinha ia ser esmagada pelas rodas do carro; ouviu se então um grito de terror, soltado pelas pessoas que iam passando.

O Padre Fressard lança-se resolutamente á frente dos cavallos. O corajoso sacerdote conseguiu detel-os, foi arastado durante uma boa distancia, mas a criancinha estava salva!

E' impossivel descrever a emoção das testemunhas d'esta scena, que se passou em alguns segundos! exclama o jornal d'onde respigamos a noticia. Todos se precipitaram para a joven e a levantaram. A menina, attingida na cabeça pelo freio do cavallo, tinha um grande inchaço, mas nenhuma fractura nos membros.

Quanto ao Padre Fressard, bastante contuso e com a batina feita pedaços, fugiu, como se fôra criminoso, para se furtar ás felicitações e applausos que incitára o seu acto de coragem e dedicação.

Que grande coração a d'aquelle sacerdote! Quando arriscava a sua vida para salvar a innocente criancinha, não hesitou: lançou-se á frente dos cavallos e conseguiu detel-os. Quando, porém, o publico o acclamava como um heroe, fugiu aos applausos com que o quizeram victoriar, encontrando na sua consciencia satisfeita assás recompensa pelo acto de caridade e benemerencia que praticára!

O verdadeiro sacerdote de Deus é assim: arrisca a vida pelo seu semelhante, e quando o mundo o quer recompensar, subtrae-se á recompensa, esperando recebê-la um dia do Altissimo.

Plebiscito liberanga contra Crispi.—

Os *italianissimos*, bem como todos os seus irmãos liberangas, teem a mania do plebiscito. *Plebiscitam* sempre que á iniquidade querem dar fóros de lega-

lidade, como fizeram quando usurparam Roma ao Soberano Pontífice.

Agora o feitiço volta-se contra o feitiçeiro. Os irmãos dos Tres Pontos, — que que em Italia andam ás turras, presentemente, por causa d'uma tratantada do Grão-Mestre Adriano Lemmi, que, de combinação com Crispi, metteu no seu bolsinho particular, *patrioticamente*, grossa somma de contos, graças ao monopolio dos tabacos, que o governo lhe concedeu, e com o qual o paiz é atrocemente roubado, — *plebiscitaram* n'um jornal de Milão (Italia) sobre as *bellezas* do governo de Crispi. O referido jornal milanez recolheu as respostas do publico á pergunta que fez, algumas das quaes são interessantissimas e provam o amor d'alguns ir... ao seu 33... Crispi. Ouçamol as:

—«O governo do snr. Crispi é um aborto da villã (*camorra*) maçonica. e, como tal, é necessariamente sem consciencia e sem dignidade. (Este plebiscitario não morre d'amores pela *camorra*...)

—«E' um perigo, uma desgraça publica, um objecto de terror.

—«Traz em si o sello do sangue, e do sangue das mulheres, das creanças e dos trabalhadores esfomeados.

—«E' o triumpho da ignorancia.

—«E' a essencia concentrada d'um desgoverno furiosamente maniaco e que nos conduz á perdição.

—«Elle (Crispi) trahiu suas esposas, trahiu Mazzini, trahiu Cavinini e trahirá outros.

—«Tem todos os defeitos, correctos e augmentados, dos governos prece-dentes; com a differença de ser mais arbitrario e mais villão e ter menos bom senso.

—«O governo de Crispi é a pedra de toque do aviltamento da Camara.

—«Crispi applica a trigamia ao Estado: primeiro foi republicano, depois constitucional e agora é dictador.

—«Crispi é *direito* com a direita; *esquerdo* com a esquerda; lobo com os cordeiros, cordeiro com os lobos.»

Tudo isto, segundo o jornal de Milão, se pôde resumir no seguinte: «(O) governo de Crispi é semelhante a uma comedia: o primeiro acto é applaudido; o segundo é contestado e recebido com assobios; no terceiro baixa o panno antes de terminar a representação.»

Ora ahi está um plebiscito que hade fazer crescer desmedidamente o nariz ao ministro trigamo. Apostamos do-brado contra singelo em como Crispi dá ao diabo este plebiscito jornalístico, que lhe vem aguar a festa. Pois não pôde desprezar o resultado da operação plebiscitaria. A theoria é sua, muito sua; e se serve ou serviu para *legitimar* a unidade da Italia e o roubo que se fez ao Papa, tambem deve ser vali-

da para se saber que o paiz está farto das *habilidades* de um Crispi e das dos seus sequazes, filhos da Viuva... .

Os *italianissimos* ferem-se com as suas proprias armas. Deus não dorme!

Retractação honrosa. — D. Miguel Martinez y Franco, que foi um d'esses desgraçados que a si mesmos se chamam livres-pensadores, quando é certo que são escravos da sua razão, arrependido das suas iniquidades (oxalá Nosso Senhor lh'as perdoe!) escreveu a seguinte retractação, que foi publicada n'um jornal catholico hespanhol, d'onde a reproduzimos:

«Snr. D. Ramon Chies.—Madrid.— Presado senhor. A minha amisade com varios livres-pensadores, entre elles o fallecido Garcia Bao, e a corrente do seculo em que vivemos, fizeram-me livre-pensador, e publiquei no periodico que V. redige e no *Verán Ustedes* artigos e poesias, assignados uns e por assignar outros, nos quaes atacava a religião do Deus unico e verdadeiro e zombava das coisas sagradas. Deus me inspirou, arrependido de todo o coração. Ao fazer publica a retractação de meus erros, creio cumprir um dever de consciencia, ao passo que torno patente que a razão e a verdade penetra cada vez mais nas minhas densas trevas.

«Certamente a minha carta será lançada ao cesto dos papeis inuteis, depois de qualificativos pouco dignos para mini, porém isso pouco me importa; cumpro um sagrado dever que satisfaz á minha consciencia, e ainda que não appareça nas columnas de *Las Dominicales*, como outras cartas, talvez produza seus fructos. Oxalá minha conversão sirva d'exemplo aos que pensam como eu pensei!

«Esperando appareça ante seus olhos a verdade, sou, etc.—Miguel Martinez y Franco.»

Desnecessario será dizer que *Las Dominicales* não lugiram nem mugiram a respeito da carta do snr. Franco.

Poder-nos-hão dizer que a dignidade e seriedade do redactor das *Dominicales* o deviam aconselhar a publicar a carta. Mas que importa a esses senhores livres-pensadores o cumprimento de seus deveres?

Se fosse um catholico que apostasse da sua religião (o que é raro, rarissimo, ao passo que é frequente, frequentissimo, o inverso) para assentar arraiaes no livre-pensamento, todas as columnas das *Dominicales* estavam á disposição do apostata; como, porém, se tratava d'uma conversão, e o convertido renegava escriptos que outr'ora pejaram as columnas d'aquelle jornal, nem pio sobre o arrependimento nem sobre a dôr, que agora experimenta o con-

verso, pelas blasphemias que escreveu, e de que se tornou vehiculo aquelle desgraçado jornaleco.

Que seriedade e que consciencia!

O descanso do domingo em França.
—Em França vae-se accentuando dia a dia o movimento em favor do descanso do domingo; muitos commerciantes e particulares não recebem a correspondencia ao domingo, mas á segunda-feira; os armazens que fecham ao domingo tornam-se cada vez mais numerosos.

No presente momento circulam varias petições: umas pedindo aos directores dos correios que haja ao domingo uma só distribuição de cartas, uma só entrega de manhã e de tarde, e, para certos peticionarios, que o seu correio só lhes seja entregue no dia immediato; outras para prevenirem os chefes de *gars* e entregadores de mercadorias que não recebem ao domingo nenhuma encomenda, seja de que natureza fôr. Outros emfim pedem aos directores d'officinas, chefes de trabalhos e administradores de sociedades industriaes que lhes permittam cumprir seus deveres religiosos, reparar suas forças physicas e fruir as legittimas alegrias da familia.

São justissimas estas petições e dignas de serem attendidas.

Em Portugal o descanso do domingo é... o que todos sabemos.

Raros são os particulares que o respeitam; o operario, para a maior parte dos nossos patrões, é um ser irracional, que não precisa d'elevantar seu coração a Deus, nem necessita de descansar ao fim do sexto dia para reparar as forças gastas no trabalho.

Officialmente, o descanso do domingo é obrigatorio; mas também não é raro verem-se empregados do Estado, principalmente trabalhadores, a exercerem o seu mester aos domingos e dias sanctificados.

E' um abuso intoleravel, que deve acabar, não só pelo respeito devido aos mandamentos de Deus, mas por caridade para com o pobre operario, que não é uma machina, mas um ser humano, que precisa de ter um dia de descanso na semana para recuperar as forças, estreitar os laços de familia e elevar o coração até Deus para buscar a sua sanctificação.

Como a Igreja é tratada na Italia.
—Acaba de desenrolar-se perante o tribunal de Pavia um processo que nos dá a conhecer qual a situação em que a Igreja se encontra na Italia em face do Estado.

No ultimo inverno, o parcho de Lomello, diocese de Vigevano, foi chamado á cabeceira do leito d'uma pes-

soa perigosamente enferma. Antes de conceder ao moribundo os soccorros da religião, o Padre exigiu lhe uma declaração d'arrependimento por haver adquirido anteriormente bens roubados injustamente pelo Estado a corporações religiosas.

Espalhou-se a noticia d'esta retractação e a auctoridade civil intentou um processo ao parcho de Lomello. Perante o juiz, este invocou as prescripções canonicas, os ensinamentos da consciencia e os conselhos formaes do Bispo de Vigevano, D. Gaudenzi. O Prelado foi então intimado para ir ao tribunal, com ordem de se apresentar em pessoa, sob pena de ser alli conduzido á força. A imprensa, porém, tratou a questão, e o sr. D. Gaudenzi obteve espera para conferenciar com a Santa Sé, examinar o caso e dar resposta. Por emquanto, nada mais se sabe a respeito da questão.

O parcho e o Bispo cumpriram o seu dever. Quem compra bens pertencentes á Igreja incorre, *ipso facto*, na pena d'excommunhão. O moribundo queria receber as consolações da religião catholica, e, para que ellas lhe pudessem aproveitar, era mister que a sua consciencia estivesse purificada. O parcho, pois, exigindo essa retractação, nada mais fez do que cumprir o seu dever.

Mas as auctoridades *italianissimas* não o comprehenderam assim, porque n'ellas domina o espirito satânico, o espirito que anima a Franc Maçonaria, que é quem domina a Italia. Porisso processaram o parcho de Lomello e intimaram o Bispo a comparecer no tribunal.

E' de crêr que os tribunaes condemnem o parcho. Mas que conseguiram com isso as auctoridades italianas? Fazem soffrer um innocente, mas não conseguem destruir a doutrina por elle sustentada, e nem por isso deixa de ser menos certo que, quem comprar bens da Igreja, incorre na pena d'excommunhão.

Em Portugal também ha quem, dizendo-se catholico, não tenha repugnancia em adquirir bens dos frades, aos quaes o decreto d'Aguiar de 28 de maio de 1834 fez *mão baixa*, expulsando de suas casas os seus legitimos possuidores. E vá-se lá dizer a estes catholicos que a compra não é licita e que de certo modo contribuíram para um roubo, que conservam em suas mãos!...

É verdade que o que valia 100 compraram-no por 10, e se a consciencia não ficou muito tranquilla, em compensação a bolsa engrossou...

Consciencias elasticas, que se encolhem ou estendem á medida que os seus interesses particulares o exigem!

Um novo «amigo» do Papa.—Um moderado italiano (um lobo com pelle d'ovelha), de nome Toscanelli, publicou um folheto, no qual, entre muitas *bellezas*, apresenta a seguinte digna do ser archivada: «O clero e o povo—diz o tal moderado—teem o direito d'eleger o Bispo de Roma, e o Estado, que os representa, deve reivindicar-lhes esse direito.» Segundo o mesmo sr. Toscanelli, chegou o momento de proceder a essa reivindicação (?), porque, diz, «é o unico meio de defender a religião e a patria, combatidas de mil modos pelo Papa.» Enternece até ás lagrimas ver o amor d'estes snrs. moderados á religião e á patria, *combatidas de mil modos pelo Papa!* Onde se havia d'ir anichar o zelo pela religião!

Mas o sr. Toscanelli não pára aqui. Este *defensor* da religião apoia calorosamente a ideia da constituição d'uma associação secreta, destiuada a trabalhar no sentido por elle indicado no momento do proximo Conclave.

Parece-nos que não é necessario constituir a tal associação secreta para conseguir o seu fim. Já tem a franc-maçonaria e as Altas Vendas para essa gloriosa empreza. E se fôr necessario que os Cavalleiros Kadosch entrem em scena com o seu punhal, que por vezes tem feito verdadeiros *milagres*, (quem desejar conhecer alguns d'esses *milagres* leia *Les assassins maçonniques*, de Léo Taxil e Paulo Verdun, livro que acaba de se publicar em Pariz) nada mais é necessario do que reunir o Grande Conselho e escolher aquelles que devem privar da «convivencia dos homens honestos» as pessoas que não agradam á maçonaria. Mas, o que tudo isto vem provar, é que, como o soberano Pontifice tem dito por vezes, a situação da Igreja em Roma é intoleravel.

Ultimo commentario:—Segundo acabamos de ler n'um telegramma de Roma para um jornal francez, o sr. Crispi vae elevar á dignidade de senador o sr. Toscanelli, auctor do folheto de que nos estamos occupando.

Os nossos parabens ao que recebe a graça e a quem a dá. E também á franc-maçonaria, que os merece.

O testamento do Cardeal Manning.—Respondendo á mensagem de felicitação que o sr. duque de Norfolk lhe dirigiu por occasião do seu jubileu sacerdotal, o Em.^{mo} Cardeal Manning pronunciou estas palavras, pelas quaes manifestou a sua ultima vontade:

«O meu desejo é morrer como deve morrer um sacerdote: sem fortuna e sem dividas. O dia da minha morte não está longe; quero fazer deante de vós o meu testamento para ir preparado para a ultima batalha.

A todos vos tomo por testemunhas da minha vontade.»

Sua Eminencia distribuiu a sua fortuna do seguinte modo:

1.º Um fundo para a educação d'um sacerdote na archidiocese de Westminster; 2.º um legado para restaurar uma parte da antiga igreja de S. Gregorio o Grande, no monumento Coelius, em Roma; 3.º um legado para pagar as despesas de construcção de duas escolas ultimamente edificadas; 4.º um legado para a fundação d'uma cama no hospital de Londres, reservada para os que trabalham no Tamisa; 5.º recordações ás cinco pessoas que o serviram nos ultimos 25 annos; 6.º o resto da sua fortuna lega-o ao collegio de S. Edmundo, em Cantuaria.

Depois de ter lido o seu testamento, o Cardeal accrescentou estas palavras: «As minhas orações serão para vós; ellas vos acompanharão nos vossos trabalhos, nas vossas esperanças. Oxalá que todos os que estão aqui presentes ou que se associem a vós, se achem comigo na paz eterna!»

O testamento do Cardeal Manning vai com vista aos *espíritos fortes* da nossa epocha, que gritam constantemente que o clero só almeja enriquecer se para passar vida commoda.

O Cardeal Manning tem sido um homem providencial para os seus fleis. D'elle se pôde dizer que se fez «tudo para todos.» A sua vida está repleta de rasgos de tão assombrosa abnegação, que os mesmos protestantes sofrem o seu ascendente moral e o tem em grande veneração.

A Igreja catholica apresenta por toda a parte vultos respeitáveis e admirados como o Cardeal Manning. Onde os tem semelhantes ou que se lhes aproxime o protestantismo?

F.

ANNUNCIOS

Segunda edição de propaganda popular

DA IMITAÇÃO DE JESUS CHRISTO

Segundo uma traducção publicada em 1743, reimpressa em 1877 e agora revista, correcta e confrontada com a edição latina e novamente prefaciada.

COM APPROVAÇÃO DE S. EM.^a O SNR.
CARDEAL BISPO DO PORTO

1 vol. de perto de 350 pag. encadernado com quatro estampas

Preço 250 réis—Pelo correio 280

A' VENDA

EM GUIMARÃES—Na livraria Internacional de Teixeira de Freitas, successores.

BONS LIVROS

A ESTRELLA DE NAZARETH, lendas e narrativas da Terra Santa sobre a Santissima Virgem; 5 volumes com magnificas gravuras de pagina.... 2\$500

CANCIONEIRO DE LEÃO XIII ou os versos latinos e italianos de Sua Santidade, postos em rima portugueza e precedidos da sua biographia e retrato; 1 grande vol. de luxo..... 2\$000

A MULHER CRISTÁ desde o nascimento até á morte. Estudos e conselhos por madame M. de Marcey, 1 grosso vol..... 500

O ANJO DA TORRE. Narrativa do tempo de Isabel, rainha de Inglaterra, 1 vol..... 500

João de Lemos

A IGREJA CATHOLICA e o seu clero

O COZINHEIRO POPULAR PORTUGUEZ

DAS

FAMILIAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS

OU

O NOVO COZINHEIRO MODERNO

Verdadeira e nova arte de cozinha ao alcance de todas as pessoas—contém o methodo mais facil de se prepararem todos os cozinhados de carne, peixe, mariscos, legumes, ovos, etc.—varias qualidades de massas, diferentes pastéis, pudings, crêmes, grande diversidade de doces e caldas especiaes—É O TRATADO MAIS COMPLETO QUE ATÉ HOJE SE TEM PUBLICADO; augmentado ainda com o seguinte: Licores e vinhos artificiaes—Para dar cor aos licores—Diversos licores—Licores de infusão—Tinturas para licores—Vinhos artificiaes—Aguas para belleza—Vinagres de toucador.—Colligidos dos melhores auctores portuguezes e brazileiros por Anselmo Pinto de Queiroz, Chefe da cozinha portugueza e brazileira. 1890.

A' venda no Porto na Livraria Portugueza de Joaquim Maria da Costa, 55, Largo dos Loyos, 56. Em Guimarães na Livraria de Teixeira de Freitas.

regular e secular nas sciencias, nas letras e nas artes; um grosso vol. de trezentas e tantas paginas.... 500

ENTRETENIMENTOS DO CORAÇÃO DEVOTO COM O SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS, pelo padre Theodoro de Almeida, 1 vol. encadernado.. 400

A' venda na LIVRARIA CATHOLICA PORTUENSE, editora, rua da Picaria n.º 85 e em Guimarães na de Teixeira de Freitas, e nas principaes livrarias do reino.

DEVOÇÃO

AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

PEQUENO MEZ DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

PIEDOSO PENSAMENTO PARA O

MEZ DE JUNHO

Extrahido do livro devoto da donzolla pelo auctor das «Palhetas d'Ouro»

Obra approvada por muitos Cardeaes, Arcebispos e bispos

Traduzida da 102.^a edição,

por um Filho de Maria

Contém este pequeno livrinho: *Mez do Sagrado Coração de Jesus, Laldainhas do Sagrado Coração de Jesus, Consagração ao Coração de Jesus, Novena ao Coração de Jesus, Invocação ao Sagrado Coração de Jesus.*

1 vol. de 64 pag. em bom papel, 100 rs.

Quem comprar 3 ex. pagará só 200 réis

AS ARTES PORTUGUEZAS

NO SEculo XIX

OU

BREVES CONSIDERAÇÕES

Sobre o seu estado, causas e remedios do mesmo

POr

ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS

Probytero com o curso triennial theologico do Seminario Patriarchal de Santarem, bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, Secretario Particular do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo do Braga, Primaz das Hespanhas, etc., etc.

1 vol. em bom papel—200 rs.

MGR. BESSON, BISPO DE NIMES

NOTAVEL PASTORAL SOBRE A MAÇONARIA

TRADUCÇÃO DO

Padre Senna Freitas

1 vol. de perto de 80 pag.—50 rs.